



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

ÉRICA MATOS

(depoimento)

2013

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Érica Matos

Entrevistadora: Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

Local da entrevista: Academia Champion – Salvador/ Bahia

Data da entrevista: 15/03/2013

Processamento da Entrevista: Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 11 páginas

Número da entrevista: E-482

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2014

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes intitulada *Mulheres de ouro: Trajetória e representações de atletas de lutas* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em fevereiro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

SUMÁRIO

Inserção e trajetória no Boxe; Preconceito; Relação com a família; Benefícios do esporte para sua vida; Mudanças na valorização do Boxe com a criação da modalidade Olímpica para mulheres; Bolsa Atleta; Motivação e objetivos para o futuro; Boxe feminino e público; Mídia; Fonte de renda; Diferenças entre o Boxe feminino e masculino; Rotina de treinamento; Feminilidade e prática de lutas; Mudanças no corpo atribuídas ao boxe.

V: Bem, me encontro agora com a Érica Matos, atleta olímpica de Boxe. Érica, eu gostaria que você descrevesse sobre sua inserção no Boxe. Como aconteceu? Quando aconteceu?

E: Então, eu tenho 8 anos de Boxe. Antes de fazer Boxe, eu fazia futsal e estudava, era uma pessoa normal. E aí, então, eu recebi um convite de um amigo meu, que estudava comigo na mesma sala, pra fazer uma aula de Boxe experimental. E ele já praticava, já lutava e tudo mais. E aí eu não aceitava porque ele chegava com a cara quebrada todos os dias e eu tinha medo de quebrar a minha também. Mas um dia eu fui, mas só por estética mesmo. E aí eu gostei da aula, foi bastante legal e continuei a ir todos os dias. Depois ia ter um Campeonato Brasileiro aqui na Bahia, 2005, e o meu treinador, que foi meu primeiro treinador me trouxe aqui na Champion pra fazer a chapa com uma amiga chamada Diana, e aí me colocou na equipe, o Dórea me colocou na equipe pra completar a equipe só pro Brasileiro. Só que aí quando chegou lá eu fui campeã e aí tomei gosto. Fui campeã brasileira em 2005 e tomei gosto e estou aqui até hoje.

V: Primeira competição e já foi campeã?

E: Foi. Primeira competição.

V: Descreva, então, a sua trajetória, desde a sua inserção até o momento atual. O que você já passou pelo Boxe, suas competições.

E: Então, depois desse Campeonato de 2005 fui convidada pra um Torneio Internacional na Argentina e lá eu fiquei em segundo lugar, fui prata, mas fui muito bem na competição, pra primeira competição internacional. Então, teoricamente falando eu fui muito bem. Depois eu integrei a seleção e fiquei sete anos titular... oito anos titular da seleção na categoria 46 quilos e sou quatro vezes campeã Panamericana, fui vice esse ano. Mudei de categoria e fiquei vice. Sou campeã Sulamericana. Primeira mulher a participar de um “Jogos Sulamericanos” na América Latina. Sou campi... Participei de dois Mundiais. Esse último agora, que foi classificatório pra Londres, me tornei uma atleta olímpica, depois do torneio de Londres agora. Sou quatro vezes campeã dos Jogos

Abertos. Até campeã paulista eu sou, campeã baiana, eu fui campeã uma vez. Ah, eu tenho vários títulos, tantas coisas e só.

V: E quando você entrou no Boxe, que desafios e potencialidades você imaginou encontrar ou encontrou?

E: Então, quando eu entrei, assim, eu tinha muitas dificuldades de reconhecimento também. Tem o lado financeiro, muito mais ainda porque eu não tinha incentivo. Então foi muito difícil eu ter que optar entre o Boxe e o meu trabalho. Porque nessa idade... Quando eu comecei, eu já morava sozinha, já tinha responsabilidades com minhas irmãs menores, tudo isso. Então, foi difícil. Mas... Tinha também o lance do preconceito, porque naquele tempo ninguém acreditava no Boxe, principalmente, feminino e tal. Esse preconceito era complicado: Ah, você vai virar homem, Boxe é esporte pra homem, tudo isso. Mas é uma coisa que eu consegui superar, Graças a Deus. A minha família também não aceitava, não me apoiava. Era o mais difícil de tudo. Porque eu tinha uma avó que também não deixava eu ir lutar, assim. Pegava bastante no meu pé. Mas, passou o tempo eu fui conquistando a confiança dela, ela foi me liberando, foi ficando melhor essa parte. Aí vem a parte financeira era muito difícil. A gente tem que se manter. É roupa, sapato, é alimentação, suprimentos, o transporte. Então, era muito difícil. Mas, graças a Deus eu consegui superar.

V: Na família tem mais algum atleta?

E: Não, só eu mesma.

V: E como que você percebeu que se tornava uma atleta de alto rendimento?

E: Pra te falar a verdade, até hoje eu não me vejo assim. Pra te falar bem a verdade. Hoje eu sou uma das melhores atletas da América e mesmo assim eu não, não vejo isso em mim. Outro dia um rapaz perguntou Você... É verdade, um repórter perguntou: Você... Todo mundo te ver como uma estrela. Você se acha uma estrela? Eu falei: Não. Eu faço o meu trabalho e deixo que eles vejam, vejam que eu sou a estrela. Eu acho que isso faz mal pra um atleta. E aí eu não, não vejo não. Minha estrela brilha, mas isso aí

não. Eu gosto de fazer o meu trabalho, gosto de ser alegre, gosto de fazer bem o que eu faço, o meu treino, gosto de fazer bonito pras pessoas verem e gostar. Mas eu me acho não.

V: Certo. Fale sobre suas conquistas pessoais e outras que o Boxe trouxe pra você.

E: O Boxe me... O que eu posso dizer que o Boxe trouxe pra minha vida? Ele é uma coisa muito importante. Primeiro, assim, porque eu fui uma menina que não fui criada por pai ou mãe, eu fui criada pela avó. Então, eu não... Fui de família pobre, não tinha muitas oportunidades a não ser o estudo mesmo. Então, quando eu conheci o Boxe foi, tipo, um refúgio pra mim, onde eu descontava, descarregava mesmo todos os meus problemas. Eu tive também a oportunidade de conhecer o Dórea, que foi um pai pra mim também. Uma reeducação que eu tive, na realidade, com o Boxe. Me reeducou e tudo. Me transformou na pessoa que eu sou hoje, então, eu tenho o Boxe hoje como a minha vida. Hoje eu acho que eu não seria nada sem o Boxe. Conquistei várias coisas através dele também. Hoje eu tenho... Saí da casa que minha avó tinha deixado pra mim. Então, eu tenho a minha casa, eu tenho uma família, eu tenho tantas coisas. Tudo que eu sonhava em ter, eu já conquistei, Graças a Deus e ao Boxe também, né. Eu tive a oportunidade de conhecer vários lugares que eu nunca pensei que eu conheceria, várias cidades e países do mundo. Então, é muito gratificante saber que você está se dedicando a uma coisa e sem esperar que isso vai te retribuir em alguma coisa, né, porque eu comecei assim. Não sabia que ia conquistar nada, não acreditava em nada. Então, é muito gratificante saber que você conquistou tudo isso através de seu trabalho, do seu suor, seu esforço, seu desempenho.

V: Sobre as dificuldades enfrentadas para permanecer como atleta, as questões iniciais você já comentou. E hoje, como está essa questão? Não só financeira, mas também a parte física.

E: Então, hoje, graças a Deus tivemos... Pra falar a verdade, quando o Boxe Feminino se tornou uma modalidade olímpica, melhorou bastante. Porque antigamente a gente tinha que ir nos campeonatos e pagar do nosso dinheiro. Então, era muito difícil. Se eu quisesse ir pra um campeonato eu tinha que pagar minha passagem, hospedagem,

alimentação. Tudo por conta do atleta. Mas, então, quando se tornou uma modalidade olímpica tudo melhorou. Por quê? Porque o Governo Federal nos proporcionou uma bolsa, que chama Bolsa Atleta, onde a gente usa pra isso, pra manutenção do atleta. Ela foi feita pra isso, pra manutenção do atleta. Então, aí eu passei a pagar minhas passagens, não tinha preocupação de trabalhar e ir treinar e preocupar com passagem, com tudo isso. E aí hoje, a gente paga as coisas, quando é pra pagar, com esse dinheiro, com esse benefício que o Governo Federal nos cedeu. E aí melhorou, bastante.

V: E na parte física, já sofreu com alguma lesão?

E: Ah, graças a Deus, não. É provado que o Boxe ele é a modalidade que menos, de menos lesões no atleta. É provado. Foram feito estudos em Mundiais e tudo mais. Foi uma competição muito grande, onde se faz bastante luta. Então, foi provado isso cientificamente que o Boxe é uma modalidade que não agride muito o corpo, fisicamente. Não tem muita lesão.

V: O que te faz permanecer como atleta? O que te motiva?

E: O que me motiva é o sonho que eu tenho desde quando eu comecei: conquistar uma medalha olímpica. E eu sei que eu tenho potencial, assim. Ao menos eu conheço o meu trabalho, né. Então, eu tenho o sonho de uma medalha olímpica. Infelizmente não consegui agora. Mas tô trabalhando duro para que em 2016 eu possa conquistar e encerrar minha carreira. Eu não quero só participar das olimpíadas, eu quero medalhar numa olimpíada.

V: Encerrar? Mas acabou de aumentar a idade limite.

E: Mas eu tenho outros planos também pra minha vida. Quero construir minha família, quero ter um filhinho, tudo isso. Uma mulher normal.

V: Sobre o público [interrupção]. Como que você vê a relação e o interesse do público com o Boxe feminino?

E: Então, antigamente o Boxe feminino não tinha muito público. Mas, depois que se tornou uma modalidade olímpica melhorou bastante. E depois da visibilidade que teve agora em Londres muito mais ainda. Tanto que o comitê organizador tá pedindo que aumente as categorias. Porque infelizmente só foram três categorias olímpicas. Então, agora eles estão querendo aumentar para sete categorias. Então, porque teve uma audiência, teve um público muito, muito bom. Então, melhorou bastante. É muito bom. Quando a gente chega nos lugares agora a gente já não é mais vista como antigamente: Ah, luta boxe. Tipo assim, nada. Então, hoje as pessoas valorizam bastante, conversam com a gente, se interessam. Tanto que aqui nas academias a procura de mulheres pelo Boxe, por estética, cresceu muito, muito mesmo. Quase todas as academias que você vai que tem o Boxe, tem o feminino, tem mulheres treinando e tal. Então, é muito bom. Melhorou bastante, muito.

V: E a mídia? Como que você vê a relação e o interesse da mídia pelo Boxe feminino?

E: Ah, eu também acho que melhorou. Porque em comparação a anos anteriores era quase nada. Hoje em dia, chega Dia das Mulheres ou datas, assim, que representa a mulher a gente recebe muita proposta, muitos repórteres procuram a gente, muita entrevista, divulgando, assim não só o lado do Boxe, mas, acompanham a gente no shopping, no salão de beleza e tudo isso é importante pra divulgação do Boxe feminino, né. Tem que mostrar, além de tudo, que lá em cima a gente é homem que nem os outros meninos também (rsrs), mas aqui em baixo eles procuram mostrar e diferenciar. Isso é muito bacana.

V: Em sua opinião, o que deveria ser feito no Brasil para que o Boxe feminino seja mais valorizado, melhor remunerado, mais transmitido?

E: Pra mim, pra começar.... Do começo teria que mudar a presidência, toda a equipe técnica da Confederação. Pra mim, deveria começar por aí. E depois dá oportunidade a novas meninas [interrupção]. Então, esqueci o que eu tava falando.

V: Sobre o que fazer para que o Boxe feminino seja ainda mais valorizado, remunerado, transmitido.

E: Ah, então, isso, o lance da Confederação, né. E depois dar mais oportunidades às outras meninas, tipo, de cidades, de estados que não têm muita oportunidade, que não têm condições de participar de um campeonato brasileiro, que não têm como participar de um paulista, assim, que fizessem intercâmbio mesmo entre os estados que envolvessem as Federações e tudo mais. [interrupção]

V: Bom, eu gostaria que você falasse agora sobre alguma frustração que você tenha vivido nesse período que você está dedicada ao Boxe e um sonho que você já tenha realizado ou que você ainda queira realizar.

E: Então, frustração, não. Nunca tive uma frustração, assim, no Boxe. Mas vivi, é algumas decepções, assim, de você esperar alguma coisa e ser outra. Em relação à seleção e as pessoas que envolvem a coordenação. Todas essas coisas assim são um pouco decepcionantes. Assim, porque você chega lá e pensa que é uma coisa e na verdade não é nada disso. Então, só por essa parte aí, no Boxe. E um sonho, como eu já tinha dito antes, a minha medalha olímpica, eu sonho com ela. Eu acho que eu sonho não, vai se tornar realidade, fé em Deus. Eu sonho em alcançar em 2016. Seria muito bom porque conquistar uma medalha olímpica no Brasil, sou brasileira. Muito bom.

V: Você vive somente do Boxe? Você comentou que recebe o Bolsa Atleta. E além dele tem alguma outra fonte, algum trabalho que ajuda a compor sua renda?

E: Não, eu não tenho outro trabalho, também, porque ser um atleta de alto rendimento te exige que você trabalhe só com isso. Se você fizer qualquer outra coisa eu acho que desvia seu trabalho, seu treinamento. Você tem que tá livre. Então, isso é uma das coisas que não me faz, tipo, estudar. Também não tenho tempo porque é muita viagem, a gente perde aula e tudo isso. Então, a gente tem... Eu tenho uma ajuda do Governo Federal. Eu tenho do Governo do Estado, agora. Tenho patrocínio, tinha patrocínio... Não posso falar que tinha... da Petrobrás que ajudava, tinha o Projeto. Isso. E um clube de São Paulo. Eu sou contratada do São José dos Campos, onde ele paga pra eu disputar um campeonato no ano.

V: E apoio de empresas privadas?

E: Não, ainda não, por enquanto.

V: E você consegue perceber alguma diferença entre o Boxe feminino e o masculino? Não só em regras, mas de patrocínio ou mesmo em relação ao público?

E: Então, não tem muito o que comparar masculino e feminino, né. Porque é uma só modalidade. São poucas diferenças, assim, acima do ringue. O feminino eu acho que é um pouco mais detalhista, um pouco mais perfeito, procura ser mais perfeito, assim, nos golpes, essas coisas, assim, pouquíssimas coisas. E fora do ringue é diferente porque quando a gente desce a gente penteia o cabelo, a gente passa batom, só isso. Não tem muita diferença. E em lances de patrocínio é a mesma coisa porque temos campeões nos mundiais no Brasil, temos campeã mundial também. O que aparece pra um, aparece pro outro. Eu acho, assim, é o destaque do próprio atleta, então, não tem muita diferença.

V: Como que é sua rotina de treinos durante a semana?

E: Durante a semana temos trabalhos diferentes, diferenciados. De segunda a sábado, na parte da manhã, a parte técnica; na parte da tarde, a parte física e na quinta e no sábado é o sparring, que é uma simulação de luta. Só.

V: Então, vocês fazem outros treinamentos fora a luta?

A: Durante a tarde. Temos preparação física, temos o trabalho de musculação. Intercalado os dias, cada dia separado o trabalho. Tem dia que é mais longo o treinamento da tarde e em outros dias são mais curtos.

V: E nos dias de lutas ou nos dias que antecedem as lutas? O treino acontece de forma diferente do cotidiano? Tem alguma preparação especial?

E: Ah, diferente. Então, temos a preparação meses antes de um campeonato e quando vai se aproximando, tipo, 15 dias, uma semana antes, vai mudando o treinamento.

Então, a gente vem assim, alto, um treinamento forte, aí depois vai baixando, baixando e uma semana antes diminui tudo. Aí a gente passa a não fazer mais contato físico por causa das lutas, por causa de lesões, de machucar, alguma coisa assim. Aí a gente não faz mais. E, um dia antes da luta, é só descanso, dois ou três dias antes da luta até o dia da pesagem, que a gente pesa. Nós temos a pesagem oficial de manhã e depois tem o sorteio das lutas e depois a gente vê em qual dia vai lutar. Às vezes luta no mesmo dia ou no outro dia. Então, é descansar, se alimentar bem, recuperar o peso. Também tem muita gente que sofre com o peso e chega de tarde é só lutar.

V: E em sua opinião as exigências corporais e técnicas do Boxe, elas mexem com sua feminilidade?

E: Ah... Em alguma coisa sim. Mas eu, particularmente, não deixo que isso aconteça. Geralmente, você vê uma boxeadora, assim, forte, veste roupa de homem e eu procuro ser sempre o contrário. Uma vez eu fiz uma matéria que aí o repórter falou assim: Nossa! Eu aqui neste instante e você estava tão linda e agora você tá assim. Eu tinha acabado de descer do ringue, eu falei: É que aqui em cima eu sou a fera e aqui embaixo eu sou a bela. Isso até repercutiu na época. Aí eu costumo dizer isso que em cima do ringue eu sou a fera e embaixo eu sou a bela porque eu procuro sempre tá com o cabelo solto, maquiagem, unha feita pra poder diferenciar. O que tem pra diferenciar entre o Boxe masculino e o Boxe feminino? Então, eu acredito que assim seja o caminho certo, né. Sempre ando com vestidinho, com sainha, bem arrumadinha.

V: Nas redes sociais dá pra ver que você gosta bastante de brincar com a aparência, mudar o cabelo, mudar tudo. Você se diverte com isso.

E: Eu acho legal. Quando eu chego em algum lugar e as pessoas perguntam: Você é atleta? Sou. Mas de que modalidade? Eu falo do Boxe e eles falam: Não, do boxe não. Você faz alguma coisa de atletismo. Milhares de pessoas me perguntam se eu faço atletismo. Não, eu não faço atletismo, eu faço Boxe. Aí eu acho legal isso, eu acho legal.

V: Então, pra você, o que é ser feminina?

E: É permanecer sempre com a sua feminilidade. Assim, demonstrar que você é feminina, que você é sutil, que você é fina. Ah, acho que isso é essencial pra uma mulher. Não só pro Boxe, mas pra qualquer outro tipo de modalidade que tem por aí. Acho que tem que ter um diferencial, tem que ser diferente.

V: E, em relação à sua feminilidade, como você percebe o olhar das outras pessoas?

E: Ah, sim. Quando a gente passa, quando a gente... Ah, tem tantas situações que acontece isso. Tipo, eu tô num campeonato e aí eu tenho um dia de folga. Nos dias de luta não, eu vou com o cabelo preso, assim, tô sem maquiagem, o que também atrapalha um pouco, assim. Mas nos dias que eu não vou lutar no Campeonato eu ando sempre arrumada, sempre feminina. Então, isso atrai os olhares de outras pessoas que falam: Nossa, você está tão bonita hoje. Nem parece que você é uma boxeadora. E é verdade. Lá fora as pessoas prestam atenção, os técnicos, os homens que estão lá, que falam e sempre comentam pelo fato de eu ser uma boxeadora, não sei o que. Luta tão bem e é tão bonita. Então, as pessoas procuram conciliar também essas coisas. Luta tão bem e é a mais bonita e é a melhor boxeadora, então... Eu gosto disso.

V: Fale um pouco sobre o seu corpo, você está satisfeita como ele é hoje?

E: Ah, eu tô. Eu gosto do meu corpo. Nossa! Eu tenho... Eu vou fazer 30 anos e todo munda me dá 17 anos, 18 ou 20 anos e eu acho isso maravilhoso, acho isso tudo, tudo que há. Então, eu tô bastante satisfeita, eu tô bem. Eu trabalho com meu corpo pra não procurar deformar ele. Eu não gosto de ter músculos, assim, eu não gosto de ser musculosa, eu não gosto de coisas que transformem o meu corpo. Então, eu procuro trabalhar com ele de uma forma que não vai deformar. Eu procuro ter a cintura fininha, o bumbunzinho arrebitadinho. Meus ombros são largos, realmente, mas não gosto muito de ser musculosa, coisas assim. Então, Graças a Deus meu corpo tá perfeito. Eu acho, né (rsrs).

V: Você mudaria alguma coisa ou já quis mudar algo em você?

E: Então, eu já quis mudar já, não pro Boxe, mas por estética. Eu tenho vontade de colocar silicone nos seios, que eu não sou muito satisfeita com ele que ficou, assim, pequenininho. É a única coisa em mim que eu mudaria. É isso. Só colocar um pouquinho de silicone nos seios e eu não tive tempo ainda de colocar.

V: Pra modalidade isso muda em alguma coisa?

E: Nada, nada. É porque eu não tenho tempo mesmo. Pra recuperação precisa de um mês, dois meses. Aí dois meses perdidos pra mim é muito.

V: E você percebeu mudanças em seu corpo desde a sua inserção no Boxe que possa ser atribuído a ele?

E: Então, antes de eu fazer, de eu praticar o Boxe eu pesava 60 quilos, 61. E aí depois, quando eu comecei a treinar o Boxe, aí eu fui baixando o peso normalmente, excesso de treinamento, também fui entrar de categoria e, então, eu decidi por baixar o peso e tô aqui até hoje no mesmo peso. Eu subi agora pra 51 quilos porque é uma categoria olímpica, mas eu sempre tive 48 quilos. De 60 eu desci pra 48, mas não porque eu quis descer. Eu tive um problema, fiquei um tempo com depressão, problema. Aí eu fui baixando meu peso normal e aí eu não consegui subir mais. Aí eu fiquei nessa categoria que foi 48 quilos e agora, por causa da categoria olímpica, eu subi pra 51 e aí fiquei.

V: Pra concluir eu te pergunto, o que o Boxe significa, então, pra você?

E: A minha vida. O Boxe significa a minha vida.

V: É isso, Érica. Você gostaria de comentar sobre algo que a gente conversou ou algo que a gente não tenha conversado?

A: Não. Acho que a gente conversou sobre tudo, de tudo um pouquinho, né. Então, eu só a agradecer a você, pelo fato de ter procurado a gente aqui na academia e também pelo seu interesse em escolher a modalidade Boxe também. Então, agradecer a você, que você consiga fazer o seu trabalho direito lá e que você consiga ser aprovada (rsrs).

V: Eu é que te agradeço Érica. Brigada!